

Javier García Castiñeiras*

Sobre o conceito de repressão originária, sua atualização e transformações em análise

A psicanálise trabalhou classicamente, desde Sigmund Freud, em torno de um modelo das neuroses: formação de sintoma, retorno do reprimido, em um contexto da repressão secundária ou propriamente dita. Autores posteriores como M. Klein e outros deram suporte teórico-clínico para trabalhar com aspectos mais arcaicos, se pudéssemos chamá-los assim, o que nos permitiu abordar outros funcionamentos psíquicos. No entanto, em 1937, Freud já tinha advertido que uma análise requer trabalhar e transformar a repressão originária, o que nos situa em uma estruturação e evidencia funcionamentos primários na constituição mesma do psiquismo. Nesse sentido, e visando retomar essa proposta freudiana, farei uma releitura de alguns de seus textos, onde ele propõe o conceito de repressão originária, para logo depois perguntar-nos de que maneira poderíamos lê-los hoje a partir de pontos de vista que incluem a outros autores e ideias, assim como também a partir de uma perspectiva pessoal.


Dor e repressão primária

Conceitos neurológicos, físicos e filosóficos de seu tempo foram uma referência que serviu de modelo para Freud no momento de construir seu pensamento sobre o funcionamento psíquico com base em analogias. Assim as ideias de afeto, representação e repressão têm seus antecedentes em Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1885), junto às correntes de neurônios, a concepção qualitativa, o princípio de inércia neuronal, o princípio de constância de Fechner, as barreiras de contato, a vivência da dor (irrupção de grandes Q para a psi) e a relação prazer-desprazer, entre outros. Sabe-se que depois que Freud abandonou seu pensamento neurológico para explicar funcionamentos psíquicos, surgiram os conceitos de pulsão, carga, afeto, representação, prazer-desprazer, definidos teoricamente com recursos psicanalíticos, mas seguindo pistas que vinham desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

Nesta primeira época psico-neurológica com a inibição dos processos primários e sua transformação em secundários, podemos encontrar um antecedente do que depois será a ideia de repressão originária. O conceito de inibição é importante e será solidário com os conceitos de fixação e repressão. Em princípio, a finalidade da repressão é impedir o desprazer, especialmente a dor.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.





Em A interpretação dos sonhos, Freud (1972 [1900]/1992f) diz que quando um desejo se torna hiperintenso já não produz prazer, mas sim desprazer e que é “precisamente essa transformação de afeto que constitui a essência daquilo a que chamamos “recalcamento”¹ (p. 593). O princípio de desprazer faz com que o pré-consciente estranhe os pensamentos de desprazer e os desaloje (repressão propriamente dita) “a presença de um depósito de lembranças infantis que desde o princípio foi mantido afastado do Pcs torna-se o sine qua non da repressão”³ (p. 593). Assim Freud estabelece uma relação entre a amnésia infantil e a repressão primordial, motivo pelo qual toda a sexualidade infantil cairia sob o efeito de tal repressão. Sabe-se que aqui a repressão primária não se limita a uma petição de princípio que constitui o inconsciente ou como um momento de fundação mítico.

Posteriormente, em O inconsciente, Freud (1915/1992h) escreve sobre como se produz essa primeira repressão que dá origem ao inconsciente. Diferentemente da repressão propriamente dita ou secundária, onde intervém um desinvestimento da representação pré-consciente, um contrainvestimento que a desaloja e representações inconscientes que a atraem na repressão que dá origem ao inconsciente - repressão primária (RP), só participaria o recalcamento pelo contrainvestimento. Um mecanismo que produz o inconsciente e que mantém sua permanência inconsciente, nesse sentido, Freud (1974 [1915]/1992h), diz:

Só pode ser encontrado mediante a suposição de uma anticatexia, por meio da qual o sistema Pcs. se protege da pressão que sofre por parte da ideia inconsciente. [...] É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão primeva, garantindo, igualmente, a permanência dessa repressão. A anticatexia é o único mecanismo da repressão primeva; no caso da repressão propriamente dita (‘pressão posterior’) verifica-se, além disso, a retirada da catexia do Pcs. É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da ideia a utilizada para a anticatexia.⁴(p. 198)

Trata-se de uma representação substitutiva em alguns casos psicopatológicos como nas fobias. Freud continua dizendo que o que foi delineado mostra, além do caminho dinâmico e do tópico, o econômico que segue os destinos da excitação. Quando os três caminhos

1. Uma mudança quantitativa se torna uma mudança qualitativa, é um modo de pensamento que em sua época tem caráter de paradigma que depois cai como podemos ver tanto na consideração da dor como consequência do aumento da intensidade de um estímulo e não pela existência de receptores específicos, assim como também na teoria econômica de Karl Marx.

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, p. 642). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, p. 643). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

4. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). O Inconsciente. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, p. 208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

(ou eixos) são usados para descrever um processo psíquico, trata-se então de uma explicação metapsicológica.

Dez anos depois, em Inibições, sintomas e angústias, Freud (1976 [1926]/1992e) escreve:

Como revelei em outra parte, a maioria das repressões com as quais temos de lidar em nosso trabalho terapêutico são casos de pressão posterior. Pressupõem a atuação de repressões primitivas mais antigas que exercem atração sobre a situação mais recente. [...] Seja como for, as primeiras irrupções de ansiedade, que são de natureza muito intensa, ocorrem antes de o superego tornar-se diferenciado. É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos.⁵(p. 90)

Um pouco mais adiante, Freud também diz que “o escudo protetor existe apenas no tocante a estímulos externos, não quanto a exigências instintuais internas”⁶ (p. 90). De forma que, passados 30 anos de Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1895), ele mantém sua ideia de que é um fator quantitativo doloroso o que determina o contrainvestimento que estabelecerá a cisão ou fissura tópica do psiquismo humano, fundando o inconsciente.

O conceito de fixação também serviu a Freud para definir uma primeira etapa ou um precursor da repressão em Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Freud, 1969 [1911]/1992k). Descrevendo fases da repressão, como depois fará no artigo de 1915 quando diz: “A primeira fase – escreve – consiste na fixação, que é a precursora e condição necessária de toda ‘repressão’”⁷ (p. 63). A seguir, acrescenta: “Já aludimos à multiplicidade dos pontos possíveis de fixação; existem na realidade tantos quantos são os estádios no desenvolvimento da libido”⁸ (p. 63). Essa afirmação nos permite relacionar o fenômeno da fixação com a repressão primária e poder pensá-la se construindo durante diferentes momentos erógenos do desenvolvimento, não apenas limitada a um primeiro momento mítico de origem. Então, podemos pensar a repressão primária se constituindo durante os diferentes momentos e organizações da sexualidade infantil, em experiências com os diferentes objetos através das diversas zonas erógenas que alternam seu predomínio e a cujas satisfações particulares lhes coloca

5. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20, p. 115). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

6. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20, p. 116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

7. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12, p. 90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

8. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12, p. 91). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

diques. Na passagem de uma zona, e de uma fase a outra, aparecem os diques como a rejeição ao seio, depois às fezes e aos cheiros que antes foram objeto de jogo prazeroso, e também dos prazeres exibicionistas, voyeuristas e sadomasoquistas.

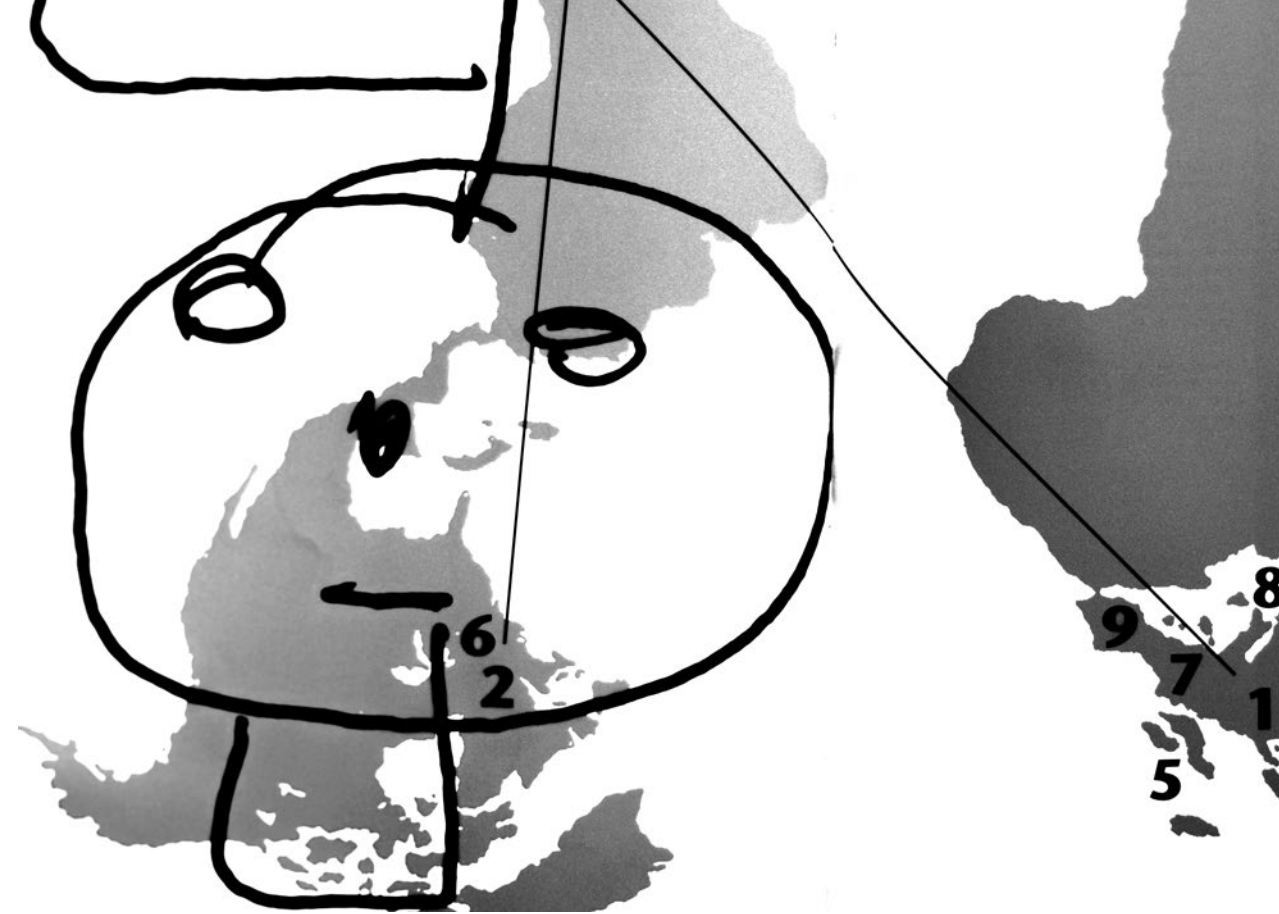
Repressão orgânica

Um conceito freudiano no qual também podemos nos apoiar para compreender melhor a ideia de repressão primária é o de repressão orgânica. Trata-se de uma expressão e conceito que Freud utiliza poucas vezes e que, de alguma forma, podemos aproximar ao de repressão originária em cada zona erógena como hipótese sobre o porquê de sua produção.

Em 14 de novembro de 1897, Freud faz referência explícita a uma repressão orgânica em sua Carta 75 dirigida a Wilhem Fliess. Em sua missiva, aborda as causas da repressão e o essencial que há por trás dela⁹. Também faz referência às zonas erógenas que tinha citado pela primeira vez na Carta 52 de 6 de dezembro de 1896, e fala sobre o abandono de zonas sexuais, erógenas, através da evolução até o homem, especialmente com a bipedestação e o repúdio das substâncias excrementícias que,

9. Na carta Freud (1897/1992b) escreve a Fliess: "Muitas vezes, suspeitei de que alguma coisa orgânica desempenhava um papel no recalçamento; [...] disse-lhe que se tratava do abandono de zonas sexuais precedentes [...] no meu caso, eu ligava essa ideia de recalque ao papel modificado desempenhado pelas sensações do olfato: a adoção do andar ereto, o nariz levantado do chão e, ao mesmo tempo, a transformação de diversas sensações que antes despertavam interesse, ligadas à terra, em sensações repulsivas - por um processo que ainda me é desconhecido. (Ele torce o nariz = ele se considera particularmente nobre.) Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provém delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade. A extinção dessas zonas sexuais iniciais teria seu equivalente na atrofia de certos órgãos internos ao longo do desenvolvimento. A liberação da sexualidade (como você sabe, tenho em mente uma espécie de secreção que é justificadamente sentida como o estado interno da libido) é promovida, portanto, não só (1) através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, ou (2) através das excitações internas desses órgãos, mas também (3) das ideias, ou seja, dos traços mnêmicos - logo, também por intermédio da ação retardada. Você já está familiarizado com essa linha de raciocínio. Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por ação retardada [*Nachträglichkeit*], uma liberação da sexualidade que é muito mais interna do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota da secreção aumentaram. Assim, existe uma ação retardada não-neurótica, que ocorre normalmente e que gera a compulsão (comumente, nossas outras "lembranças só funcionam por terem funcionado como experiências). Esse tipo de ação retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma liberação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objetos. (aqui está a causalidade do nojo, do asco etc.). Dito de modo grosseiro, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o recalçamento" (pp. 310-313). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1987). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1, p. 288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

É interessante observar como Freud vai pensando estes mecanismos nos começos para ver surgir os conceitos no laboratório de pensamentos incipientes.



até então, cheiravam-se e serviam como marcadores de território sexual, criando-se diques que depois voltavam a ser estabelecidos em cada desenvolvimento das fases libidinais na infância.

Em Três ensaios sobre a teoria sexual (Freud, 1972 [1905]/1992m), no capítulo segundo "Sexualidade infantil", e dentro dele em "O período de latência sexual da infância e suas interrupções", Freud escreve sobre as inibições sexuais, inibições no caminho da pulsão sexual em forma de diques: nojo, sentimento de vergonha, exigências ideais estéticas e morais.

Têm-se das crianças civilizadas, uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação e, sem dúvida, a educação tem muito a ver com ela. Mas, na realidade, este desenvolvimento é organicamente determinado e fixado pela hereditariedade, e pode ocasionalmente ocorrer sem nenhum auxílio da educação. A educação não estará indo além de seu domínio apropriado se ela se limita a seguir as linhas que já foram traçadas organicamente e a imprimi-las um pouco mais clara e mais profundamente.¹⁰(p. 161)

10. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7, p. 181). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

De forma que aqui, tanto o desenvolvimento como sua inibição parecem determinados pelo condicionamento orgânico que se aproxima ao que denomina repressão orgânica em outros lugares. O tema em questão é entre o adquirido e o herdado, entre o sociocultural e o genético ou filogenético, entre o psíquico e o orgânico, em sua origem e mecanismo.

Muito tempo depois, Freud retomará o assunto da repressão orgânica em algumas notas de rodapé em O mal-estar na cultura, livro de 1929, no qual trabalhará o efeito do cruzamento entre as exigências pulsionais e as regras impostas pela cultura. As notas de rodapé às que vou me referir neste livro mostram como Freud (1929/1992d) continua mantendo uma ideia orgânica, como fazia nas referências que citei anteriormente de 1897 e 1905. Na nota de rodapé da página 97, refere-se à periodicidade orgânica do processo sexual e como sua incidência na excitação sexual psíquica se transformou em seu contrário¹¹.

Repressão primária, inibição, fixação

A inibição impede de se chegar à realização de atos e à angústia, tal como Freud explica em Inibições, sintomas e ansiedade (1926/1992e). Impõe-se um obstáculo para uma realização de gozo em ato e se mantém um funcionamento no nível da representação. Neste sentido, relaciona-se a repressão primária e a inibição como forma de inibição estrutural do aparelho psíquico freudiano.

Em seu artigo A repressão, Freud (1974 [1915]/1992g) vincula o deslocamento do Psc-Cs e a fixação:

11. “Essa mudança se tenha vinculado à diminuição dos estímulos olfativos, através dos quais o processo menstrual produzia efeitos sobre a psique masculina. Seu papel foi assumido pelas excitações visuais, que, em contraste com os estímulos olfativos intermitentes, conseguiam manter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva-se dessa “repressão orgânica”, como defesa contra uma fase do desenvolvimento que foi superada. Todos os outros motivos são, provavelmente, de natureza secundária. [...] A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessitados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. [...] essa inversão de valores dificilmente seria possível se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas pelos seus intensos odores a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a postura ereta. O erotismo anal, portanto, sucumbe em primeiro lugar à “repressão orgânica” que preparou o caminho para a civilização” (pp. 97-98). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, p. 119-120). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Logo depois, na página 103 do mesmo texto, Freud (1929/1992d), dirá que a vida sexual humana sofreu um dano grave da cultura, como se estivesse em processo involutivo, como os dentes e os pelos. No entanto, não seria algo causado somente pela cultura, mas sim “algo da natureza da própria função que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos”. Em nota de rodapé que acompanha este texto, diz também que com a postura vertical e a desvalorização do sentido do olfato “toda a sexualidade, e não apenas o erotismo anal, ameaçou se tornar uma vítima do recalamento orgânico” (pp. 103-104). Esta recusa à função sexual impediria a satisfação plena e desvia para metas sublimatórias. “Assim, descobriríamos que a raiz mais profunda da repressão sexual, que avança juntamente com a civilização, é a defesa orgânica da nova forma de vida alcançada com o porte ereto do homem contra a sua primitiva existência animal” (pp. 103-104). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, p. 126-127). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeira, uma primeira fase da repressão que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto continua ligado a ele.¹²(p. 143)

Em Pulsões e seus destinos, Freud (1915/1992j) se refere à fixação quando define o conceito de objeto da pulsão. Ali parece dar outra ideia, a pulsão pode estabelecer um laço especialmente íntimo com o objeto, uma fixação. De modo que em lugar de definir a fixação como união com o representante o faz como união com o objeto: fixação ao objeto. O mesmo acontece em Luto e melancolia (Freud, 1917/1992c), onde fala da fixação ao objeto de amor. No entanto, na mesma época, em Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença, Freud (1911/1992k) fala de fixação como laços precoces difíceis de destacar de pulsões com impressões e com os objetos, o que parece incluir os objetos com traços, rastros ou representações (impressões) vinculados a eles ou a experiências com eles (pp. 271-272, e nota 6 da p. 272).

Na citação anterior fica claro que a fixação referida por Freud na repressão primária é a agência representante que permanece imutável. Nesse ato de fixação há algo da tensão corporal da experiência com a mãe – ou de quem ocupa este lugar – que se limita e ancora, ou fixa, a um rastro dessa experiência. Podemos dizer de outra forma, que algo de gozo dessa experiência corpo a corpo se limita a um traço que a representa. Quando a pulsão insiste em reencontrar esse gozo, só se encontra com o rastro; e aí é lançada a moção de desejo. O encontro com a coisa é substituído pelo encontro com um rastro ou representante.

O grande Outro e o desejo do Outro

Com a introdução, por Jacques Lacan¹³, do “grande Outro” e do “desejo do Outro” ocorre uma abertura e desarticulação do modelo freudiano fechado de aparelho psíquico, e se produz o que poderíamos avaliar como uma das maiores contribuições à psicanálise posterior a Freud.

Tomando o cuidado de que existem na obra de Freud diferentes antecedentes onde se menciona a participação dos outros, o Outro e o Outro desejanste, podemos falar do resgate decisivo que a introdução do grande Outro (Outro) em suas diferentes formas fez da sexualidade dos pais, dos seus desejos, das regras e da alteridade na estruturação psíquica do filho.

12. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Repressão. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, p. 171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

13. Freud se referiu a externalidade ou alteridade como der Andere (outra pessoa) e das Andere (outredade). Ver: Delpréstito, N., Grataudoux, E., Schroeder, D. (2008). El lugar del otro en la teoría y la práctica psicoanalítica. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 106, 120-148. Lacan em seus primeiros escritos se refere ao outro como fez Freud, como as “outras pessoas”, em um uso de linguagem comum. É em 1955, em Seminário Jacques Lacan, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, que Lacan (1954-1955/1986) faz a distinção entre “o pequeno outro” (“outro com minúscula”) e “o grande Outro” (“Outro” com maiúscula). O pequeno outro não se constrói como alteridade, mas sim como reflexo e é imaginário, enquanto que o grande Outro constitui a alteridade radical na linguagem e na lei, no simbólico.

O desejo do Outro já pautado, marcado pelo simbólico, pela lei ou pelas regras de relações de intercâmbio, do proibido e do admitido, da linguagem, da história. Em sua dupla vertente de desejo do Outro e de lei, essa função humaniza com desejo e alteridade, o que inaugura diferentes formatos de intercâmbios através da estruturação psíquica da criança.

Da mesma forma que Freud faz em Inibições, sintomas e ansiedade (1926/1992e) ao localizar a angústia como disparadora da repressão propriamente dita e não como na primeira teoria da angústia, isto é, à repressão como sua causa, podemos dizer que Lacan o faz para a repressão em geral, incluindo a primária. Lacan vincula a angústia com o desejo do Outro e isto acontece quando a relação com o desejo do Outro não está marcada pela castração e pelo fantasma. Quando “falta a falta”, diz Lacan no seminário A identificação, “a angústia é a sensação do desejo do grande Outro” (Lacan, 1961-1962/s. f.). Aqui volta a trazer o exemplo do louva-a-deus que tinha citado em As formações do inconsciente (Lacan, 1957-1958/1999), e em A transferência (Lacan, 1960-1961/2003), mas agora não o faz para falar de perversão animal¹⁴, mas sim para dizer o que acontece quando alguém enclausurado enfrenta um louva-a-deus.

O louva-a-deus se caracteriza por ter uma cabeça que gira 180° sobre seu eixo, ter longas extremidades anteriores que dobra como se estivesse rezando, mas que, ao mesmo tempo, é a arma que estende para capturar certamente a outros insetos e devorá-los, começando por suas cabeças, como a fêmea faz frequentemente com o macho na relação sexual. É esta dimensão feroz e devoradora que Lacan ressalva, pela importância que tem a união com os filhos, pois é a quem se destinará a força dos alimentos que incorpora com o corpo do macho.

Suponhamos que usamos uma máscara de um animal. Com certeza, se fosse do macho do louva-a-deus teríamos motivos para nos sentirmos em perigo e sentir angústia. No entanto, não é a visão de minha imagem em seus olhos facetados o que me angustiaria, mas sim algo que acontece em mim quando essa imagem falta. O que vê o grande Outro em mim sem que eu possa sabê-lo? Se visse nos olhos do louva-a-deus sua imagem com a máscara do macho de louva-a-deus, seria uma angústia extrema. A angústia mantém uma relação direta com o desejo do Outro: quanto me quer o Outro? Como me quer? Como me vê? “O que sou como objeto para o Outro” é a dimensão do que Lacan quer transmitir com o uso da expressão italiana *Che vuoi?* Além do que diz e pede: o que o Outro quer? A angústia é sem objeto, mas só do meu lado, pois o desejo do Outro se sente ali muito próximo.

14. Em *O seminário de Jacques Lacan: A transferência*, Lacan (1960-1961/2003) diz: “Por exemplo, essas moções devoradoras instintuais que encontramos na natureza ligadas ao ciclo sexual [...] as gatas comem seus filhotes, e se a grande figura fantástica do louva-a-deus, assombra (hante) o anfiteatro analítico é porque ela realmente se apresenta como uma imagem mãe, uma matriz da função atribuída ao que tão ousadamente, e talvez inapropriadamente, chamam a mãe castradora”. Dirá mais adiante: “Nosso canibalismo oral, nosso erotismo primordial, é preciso que imaginemos aqui que este gozo é correlativo à decapitação do parceiro, que supostamente ela conhece em certo grau como tal” (p. 243). N. do T.: Tradução de Dulce D. Estrada T. A tradução corresponde a Lacan, J. (2010). *O seminário de Jacques Lacan, livro 8: A transferência*. (pp. 263-264) Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1961).

Jean Laplanche pensa que a repressão originária ocorreria em dois tempos. Um, no que ainda não estaria conformado o “Ego” e onde as primeiras inscrições significantes (significantes enigmáticos) seriam sobre o corpo (eu-corpo), em lugares que chegarão a ser zonas erógenas. Para Laplanche, o motivo da repressão originária está na sedução originária, ou seja, em que o adulto oferte ou imponha à criança significantes com significações sexuais inconscientes que são enigmáticos, usando como exemplo uma pergunta que se escuta de forma muito próxima ao que propõe Lacan sobre o que sente a criança frente ao desejo do Outro. Laplanche (1989) escreve: “Que pretende de mim, além de me amamentar? E por que quer me amamentar?” (pp. 128-136). Dentro desses significantes enigmáticos, Laplanche destaca especialmente os que derivam da “cena originária” – observação do coito parental – que impõe à criança imagens traumatizantes por inassimiláveis. O segundo tempo se produz depois da conformação do Ego como representação do corpo, o que implica uma primeira tradução com posterioridade (après coup) e um domínio desses significantes enigmáticos implantados no corpo (pp. 128-136).

Embora com Lacan e Laplanche possamos relacionar a angústia com o desejo do Outro – o que quer de mim? – avançando no tempo, Lacan parece destacar que é frente ao gozo da mãe (com o corpo do filho), o que também diz do gozo no bebê, que apareceria a angústia como sinal de um “contato real” (com “o real”), que é o que não engana da angústia. É a ameaça com o real do gozo, com a morte como ameaça do louva a-deus, que surge a angústia em uma hiância que permitirá o desejar.

Desejo materno: Entre gozo e desejo

O gozo dos corpos da mãe e do bebê é um jogo que inevitavelmente acontece na vida sempre que existir uma dicção especial, uma intermediação que proíba a reincorporação oral do bebê pela mãe; o pai, ou melhor, sua função de interdição é a que veta seu gozo. Lacan (1969-1970/2002) diz sobre a mãe:

Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão — a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso. Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador nessa história [...]. Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha.¹⁵(pp. 118-119)

É correto que, neste ponto, está a angústia e que, se este rolo simbólico não fica de alguma forma bem colocado, ocorrem estragos. Também é certo que sem a força do desejo materno não é possível a vida do filho, nem sua posição desejante. Recordemos em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1992m):

15. N. do T.: Tradução de Ari Roitman. A tradução corresponde a Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (p. 118). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).

[...] a mãe olha-a [a criança] ela mesma com os sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a, e muito claramente a trata com um substitutivo de um objeto sexual completo. [...] Ela está apenas cumprindo seu dever de ensinar o filho a amar. Afinal de contas, a criança deve crescer e transformar-se numa pessoa forte e capaz, com vigorosas necessidades sexuais¹⁶. (pp. 203-204)¹⁷

É em um desses momentos em que Freud mostra a importância do desejo do Outro, da mãe para o filho, sua vida e sua sexualidade. Considerando a citação anterior de Lacan, à importância da intensidade desse desejo materno, ainda se pode acrescentar sua qualidade de desejo, sua interdição.

O que foi dito anteriormente nos autoriza a dizer que o que angustia é o gozo materno tomando a distinção que faz Lacan entre gozo e desejo. Ao corpo materno gozante, o fechamento da boca do crocodilo para reincorporar o bebê ou ao corpo do louva-a-deus que come o macho, opõe-se essa pedra-rola simbólico, ou seja, a regulação que faz o significante e a lei em suas proibições: não reincorporará seu produto, não cometerá incesto etc. O gozo, segundo Néstor Braunstein (1990), implica, por sua vez, “o usufruto, desfrute da coisa, enquanto é um objeto de apropriação”¹⁸ (pp. 15-16). Para Lacan, o significante é a causa do gozo porque este é consequência da intrusão do significante no corpo, o que permite experimentar que se está vivo. Lacan (1972-1973/2008) diz: “Só se goza por corporizá-lo de maneira significante” e, ao mesmo tempo, o significante limita o gozo, como o faz esse falo simbólico de pedra. Quando o desejo da mãe não está interdito pela função fálica já não se trataria de um gozo fálico, mas de um gozo do corpo do Outro. Esta ameaça ou angústia, quando o significante da experiência se encarna, fixa-o, inibe-o, limitando o gozo a essa fixação. Nesse ponto, podemos conceber a repressão originária como fixação do gozo à mínima expressão em um traço ou significante de uma experiência; marcos que vão demarcando territórios, analogia de um corpo escrito erogenamente. É uma escritura sem pré-existência corporal, pois ela mesma constrói o corpo.

A repressão originária como conceito – especialmente em Freud – é uma necessidade lógica da teoria do inconsciente, pois funda-o, de certo modo, como uma *petitio principii* (petição de princípio) que funciona como ponto de partida teórico necessário. Por essa razão, se torna difícil pensá-la como um momento posterior à constituição

16. Nesta parte também se pode ler que “A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infundável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que, afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com os sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a, e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo”.

17. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7, p. 229-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

18. O gozo no “direito remete à noção de ‘usufruto’, do desfrute da coisa enquanto objeto de apropriação”. Aqui convergem rapidamente a teoria do direito e a da psicanálise (em relação ao gozo), pois se propõe, desde um primeiro momento, a questão fundamental da primeira propriedade de cada sujeito, o corpo e as relações deste corpo como corpo do outro, tal como elas estão asseguradas por um certo discurso ou vínculo social. (Braunstein, 1990, p. 16)

do sistema Psc-Cs, a partir do qual por deslocamento (contrainvestimento puro) produzir-se-ia uma vez que este sistema é consequência de uma divisão radical no aparelho e não na pré-existência. Consequentemente, parece mais razoável pensar à repressão originária como a produção de uma inibição estrutural da pulsão em um mundo de desejo do Outro, inibição que instala um funcionamento no mesmo nível da representação, fixando a tensão pulsional a um traço, ou rastro, e estabelecendo uma fissura fundante do aparelho e suas tópicas. É um conceito solidário à concepção freudiana de pulsão, pois essa é concebida psiquicamente na medida em que está representada (representante psíquico ou representante-representação), e isto é possível quando a excitação (Reitz) se fixa a uma representação. As experiências do bebê com o Outro deixam marcas, vestígios, e estes signos (signos perceptivos) ou, mais especificamente, significantes de diferentes materialidades, não necessariamente fônicos, quando se inscrevem, estabelecem uma diferença: marcado-não marcado, prazer-desprazer, presença-ausência, ou-a, etc. Não parece se tratar de rastros sem força própria, sem ancoragem corporal erógena, pois Freud foi muito claro na importância do fator econômico (energético) da força pulsional, da energia própria da representação. Em seu modelo de aparelho psíquico não há nada que não tenha carga, pois essa é a que fixa os rastros e representações, dá-lhes, por assim dizer, um peso específico, uma ancoragem ao sistema que é o que as torna efetivas e afetivas.

Assim como Leclaire, poderíamos pensar o dito anteriormente, como uma inscrição de uma tensão de diferença, o que pode aproximar esta ideia à forma em que Jacques Derrida entendia as arqui-escrituras¹⁹ e a tensão de diferença (*différance*). Assim é concebível a incorporação erógena de certa ordem simbólica, a articulação particular da psicanálise entre o rastro e a força, entre a palavra e a pulsão, mais especificamente entre o significante material e a pulsão. O próprio Freud nos trouxe um exemplo disso no jogo do carretel de seu neto Ernest, no qual verbalizava: Fort da, um ou-a que estabelecia ou fazia notar uma diferença (*différance* – de J. Derrida, 1968 – como condição de linguagem, escritura e sentido), como a presença e ausência do objeto, mas na linguagem.

Inibição estrutural, angústia e desejo

A inibição estrutural com fixação parece se instalar a partir da angústia, como o conceituaram Freud e Lacan em relação à repressão; e essa é possível de ser entendida a partir de um ponto de vista econômico como excesso intolerável, como atualização de algo geneticamente recebido e/ou como desencadeamento a partir do desejo do Outro no modo de gozo. Sobre esta base de angústia surgiria o desejo, talvez como defesa na esfera representacional frente ao gozo do Outro, ao mesmo tempo que como movimento pulsional (moção pulsional) que busca reencontrar um objeto primário inexistente, mas que tenha deixado rastros (experiência primária de satisfação).

19. Para Derrida a escritura excede a grafia alfabética. Ali onde existe um cruzamento e contato de corpos, uma marca, um rastro, há escritura. A linguagem, ela mesma, se funda na possibilidade da escritura.



A desidentificação do objeto de desejo da mãe (objeto falo materno) depende da função paterna, de lei, o que para Lacan constitui a metáfora paterna. Esta reprime manter-se o objeto do desejo da mãe, manter-se o falo; é essa a repressão estruturante e originária que é de enorme interesse para o ser humano, pois o transforma em sujeito desejante e não apenas em objeto do desejo do outro (Dör, 1985).

É difícil a essa altura do trajeto pensar a repressão primária (RP) como um momento único das origens depois de vermos a complexidade que o conceito abrange. Freud também pensou a RP como fixação em cada etapa do desenvolvimento e a isto chamou de repressão orgânica. Constitui-se, por um lado, como primeiro elo (rastro inconsciente, arquiescritura, representante-representação, significante) ao que ficou fixada a força pulsional (*Reitz*) como tensão de diferença. A satisfação consiste em uma diferença radical, brusca (insatisfação-satisfação) e se coloca como tal, como pura diferença (Leclaire, 1972/2000, p. 206). Algo inscrito pode se repetir, e o inscrito é o representante da representação. Trata-se de um ponto de partida organizador, de um marco material ou marca erógena, mostrando uma intersecção nova dentro do conhecimento humano: entre excitação real e o representante da representação. Uma intersecção entre uma excitação real do corpo e um representante, marca – como diz Leclaire²⁰ – o signo que provém de experiências libidinais com outros em um contexto cultural e de linguagem (O). Ficam implicados um rastro inconsciente ou traço e um movimento libidinal do(s) corpo(s), em experiência do gozo corporal. Segundo Lacan, esse gozo corporal inscrito em um traço significante encarnado é o que permite saber que se está vivo²¹. Nada menor como efeito da repressão originária, ao contrário, um efeito decisivo para a vida psíquica, e que muitas

20. S. Leclaire (1972/2000) diz que: “A inscrição mnêmica mantém com o acontecimento vivido uma relação muito seletiva, [...] os rastros não são mais que reflexos fragmentários da experiência: o registrado constitui (apesar da ilusão que possa dar o artefato de alta fidelidade) um tipo de abstract formulado em uns poucos traços escolhidos; do mesmo modo que em uma caricatura se retém apenas uns poucos traços singulares do rosto que se quer esboçar” (p. 218).

21. [...] “Não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza. Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 32). N. do T.: Tradução de M. D. Magno. A tradução corresponde a Lacan, J. (1985). *O seminário de Jacques Lacan, livro 20: Mais, ainda*. (p. 35) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

vezes aparece como carência em apresentações clínicas. Ao mesmo tempo em que goza e permite sentir que se está vivo, inscreve e limita o gozo. Fixa o gozo ao representante e inibe a pulsão parcial em sua descarga direta para estabelecer base na representação. Será preciso ter presente esta ideia quando pensemos a possibilidade da atualização da repressão originária em análise e as possibilidades de trabalhá-la em transferência. É ali onde estes instrumentos conceituais podem se mostrar eficientes e, se for assim, tornar capaz de trabalhar o que se apresenta como personalidades “Como se” (personalidade “*as if*” de Helene Deutch) e outras conformações e apresentações similares ou familiares que desafiam a clássica psicanálise da neurose.

Especificidade: Nova zona epistêmica

Esta zona de cruzamento descrita é uma área da psicanálise, criada, pesquisada, estudada e experimentada pela prática psicanalítica clínica e teórica. Não se trata apenas de representantes, rastros, significantes ou signos, como podem cogitar disciplinas humanísticas, nem somente de excitações somáticas biologicamente reguladas, de energias, forças ou afetos. Trata-se de uma zona nova, diferente, com traços específicos, onde a excitação e os signos se organizam como um corpo erógeno através de tópicos de organizações libidinais (oral, anal, fálica) e em um contexto de sistemas de intercâmbios sexuais, de desejo e regras a partir de onde o sujeito surge como efeito dele. Estes traços marcam esta zona de especificidade do conhecimento psicanalítico ou zona epistêmica. É certo que nunca é simples delimitar e definir com precisão uma zona de conhecimento e práticas novas, porque é também o que caracteriza um campo original de investigação e experiência teórico-prática disciplinar. É por esta razão que a psicanálise tende a ser absorvida tanto pelo campo humanístico como pelo biológico neurocientífico e que, frente a suas complexidades, a prática assistencial tende a substituí-la por técnicas adaptativas que não constituem, a meu ver, uma contribuição tão específica e aguda da complexidade humana entre a carne e o signo. Não obstante, também é certo que nos lançarmos a esta complexa especificidade psicanalítica inquieta por suas incertezas.

O orgânico destacado por Freud parece falar de certa organização dos corpos historicamente, ou melhor, proto-historicamente determinada com consequências na sexualidade, sua organização, suas zonas preferenciais e suas inibições. Além disso, parece salientar também um localizador corporal das zonas (oral, anal, genital), mas que leva a carga de prováveis modificações proto-históricas como a bipedestação e o que isto pode implicar de abandono da marcação por substâncias –anal–, as barreiras, a liberação das mãos e sua utilização para imprimir –motricidade fina– o mundo (posterior surgimento da escritura). As zonas referidas por Freud como, especialmente erógenas, pois toda a superfície do corpo o é, são também especialmente zonas de margens e intercâmbios de objetos com os outros.

Nos conceitos freudianos, ainda que não seja transmitida uma adesão total às hipóteses constitucionais e a um essencialismo teórico, o que sim é correto é que muitas de suas ideias estão pautadas por um determinismo biológico que situa topologicamente e temporalmente

eventos e processos. As fases do desenvolvimento libidinal (oral, anal, fálica) estão dentro destas pautas de desenvolvimento. No entanto, não se atém a ele e especialmente Freud destaca uma temporariedade a posteriori de significação e eficácia, ainda que também estabeleça uma temporariedade cronológica na qual estas fases se constituem. O pautado pela biologia está relacionado com as necessidades que se satisfazem nessas regiões e seu desenvolvimento, enquanto que a sexualidade pulsional e sua fixação em representantes dependem de outros fatores que entram em jogo nas experiências libidinais e de intercâmbios simbólicos com outros. Quando esta dimensão pulsional representativa entra em consideração se constitui a zona de trabalho específica da psicanálise e da sexualidade, ou erótica, da qual fala a psicanálise; só que com Freud não fica suficientemente destacado – ainda que o mencione – o texto sociocultural com os códigos e imaginários que este carrega, e o desejo e gozo dos outros na experiência com a criança.

Michel Foucault (1975) expôs em seu trabalho que os conhecimentos considerados como verdades sobre a natureza humana e social não se correspondem a uma essência imutável através dos tempos e culturas, mas que, ao contrário, mudam através da história. Na medida em que os conhecimentos funcionam para organizar e controlar as pessoas e as sociedades são parte de um sistema de padronização através de dispositivos de poder. Estes dispositivos atuam sobre os corpos, sobre o que agrada e o que não agrada, sobre a sexualidade, sobre o belo e o feio, o saudável e o doente, organizam os corpos, disciplinam, entre outras coisas. O exercício do poder toma como objeto os corpos, com o objetivo de discipliná-los, homogeneizá-los, normatizá-los²².

O que ocorre nas fases do desenvolvimento libidinal e nas zonas erógenas se relaciona com as necessidades e com a educação e disciplina delas: disciplina alimentar, controle de esfíncteres, regras de trocas sexuais genitais. No entanto, o que Freud acrescenta como área específica da psicanálise é a constituição (se pudesse ser chamada assim) de uma erótica, que se relaciona com o conceito de sexualidade infantil pelo desenvolvimento, e também com o que nessas zonas a experiência com os outros registra como gozos de pulsões parciais que, em seu excesso, próprio ou do Outro, determinam fixações, repressões primordiais, da excitação aos representantes. Esses pontos de fixação-repressão inibem a satisfação pulsional, estabelecem um reprimido originário e são a causa de sucessivos trabalhos metafóricos com diversos significantes ou cadeias discursivas também de diferentes tipos. Marcam o corpo com significantes ou fazem o corpo nesse mapeamento erógeno que é, ao mesmo tempo, um tipo de escritura.

22. “Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, 1998, p. 140). As relações de poder operam sobre o corpo como uma presa imediata: “o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 1998, p. 140).

A ideia de corpo em psicanálise

Até aqui desenvolvi em rastreamentos e propostas como construir uma ou várias ideias, ao mesmo tempo conceituais e operativas, da repressão primária (RP)²³. Se pensamos cada experiência com o outro e as inscrições que estas experiências inconscientes deixam nos diferentes momentos da infância, podemos conceber um trabalho pulsional de inscrições ou escrituras no corpo, com fixação de pulsões parciais a representantes ou rastros que vão marcando, gravando, e com isso construindo um corpo erógeno. A ideia de corpo em psicanálise corresponde a esta construção erógena, consequência destas escrituras encarnadas. As excitações pulsionais sempre excedem suas fixações em marcas e ao ingresso ao mundo dos signos, mais além do princípio do prazer, da pulsão de morte, do gozo. Não é a insuficiência das marcas, em relação ao Reitz pulsional, o que fala de um fracasso da repressão originária (RO), ainda que parcial, mas a impossibilidade de construir uma escritura erógena que torne capaz de simbolização as experiências. O real pulsional sempre é traumático porque sempre excede sua tramitação simbólica e não só por isso estamos autorizados a falar de falhas na RO; não há adequação. A RP indica tanto o ingresso encarnado ao mundo simbólico, como o excesso inevitável do real pulsional sobre o significante.

Insistirei no uso de certas imagens que acompanham o trajeto de minhas ideias. Os marcos cravados na terra delimitam um terreno, territórios corporais erógenos que são corpo escrito ao demarcá-lo. Essa escritura de marcas efetivas-afetivas, pois mostram as afetações a partir de experiências, realizadas na materialidade corporal, permite levantar um traçado do terreno. No psiquismo este procedimento corresponderia à fixação do significante no corpo por investidas provenientes do Reitz pulsional e do Outro. Depois passamos a outra escritura, justamente em outro plano, outras marcas (diagrama) e a outra superfície (papel ou “eu”) onde pode ser construído um mapa do território marcado. No entanto, este traçado só será efetivo se for levantado a partir de uma marcação realizada pela fixação do Reitz. Não há identidade entre este exemplo de um levantamento de traçados e a passagem – transformação das representações – coisa em representação – objeto (representação, coisa mais representação, palavra). Contudo, para dizer a verdade, também não podemos dizer que há identidade entre as palavras tal como se compreendem em linguística e no psiquismo. Trabalhamos com aproximações, mudanças de andaimos e sondagens analógicas aproximativas, que nos permitem pensar e operar na prática. O que tento propor aqui é que a projeção da superfície corporal que se levanta em outro plano não é somente imagem, mas sim imagem organizada por escrituras erógenas que deixaram as experiências inconscientes com outros, significativos, através das etapas do desenvolvimento libidinal. É a essas escrituras, que são a matriz do corpo erógeno, que chamei de coreografias inconscientes e ao ato da inscrição de repressão originária. Quando a projeção da superfície corporal é somente imagem porque carece de escrituras erógenas simbólicas dei-

23. Menciono indistintamente repressão primária, repressão originária e repressão primordial.

xadas por experiências com outros, então o sujeito se desvanece em um jogo de espelhos do qual não pode ser resgatado, de identificações projetivas sem fim. Isto pode se constituir como um funcionamento predominante, ou como aspectos parciais e transitórios de um funcionamento psíquico que se caracteriza por sua ineficácia simbólica.

Atualização, transformações

Os marcos conceituais percorridos em torno da ideia de RO, tanto a ponderação do desejo do Outro e a angústia correspondente como causa, como o destaque da ideia de fixação da pulsão parcial em cada momento do desenvolvimento libidinal (oral, anal, fálico), e a concepção de um corpo erógeno constituído com essas fixações, como escrituras erógenas inconscientes na matriz de inscrições que dá origem ou encarnação a todos os relatos metaforicamente possíveis, nos permitem considerar a RO como um objetivo possível da análise. Freud em Análise terminável e interminável afirmou que: “Dessa maneira, a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo” (Freud, 1937/1992a, p. 230)²⁴. Torna-se difícil segui-lo exatamente no significado da palavra correção porque pode supor um voltar a um bom curso, corrigir no sentido de lhe dar de volta uma forma direita a algo que se entortou, por exemplo. No entanto, sim poderíamos segui-lo, se o entendemos como inscrição, reformulação, transformação, modificação de inscrições que ocorreram ou que não se realizaram. Entretanto, o percurso exposto não nos permite pensar essa tarefa per via di levare²⁵, uma vez que a tela requer um traço que mostre algo que está em ato, requer uma marca produto da experiência em transferência. Certamente, não uma sugestão do que Freud quis desmarcar (desmanchar) com esta diferenciação referida a Leonardo Da Vinci, mas sim uma inscrição, uma marca que fixe a força da experiência transferencial a um representante. A ideia de transferência que surge nesta afirmação também não remete à reprodução de uma experiência inconsciente anterior, mas sim a um campo onde a pulsão entra em jogo em busca de inscrição. Não se trata de substituir as noções freudianas, que tanto nos ajudam para o trabalho com sintomas e retornos do reprimido, mas sim de ampliar a ideia para

24. N. do T. Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1937/1972). Análise terminável e interminável. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (vol. 23, p. 229). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937)

25. Leonardo Da Vinci disse “per via di porre, per via di levare” para diferenciar a pintura da escultura. Sigmund Freud (1905 [1972]/1992) , em uma conferência pronunciada no Colégio de Médicos de Viena, em 1904, disse: “Há, na realidade, a maior antítese possível entre a técnica sugestiva e a analítica – a mesma antítese que com relação às belas artes, o grande Leonardo Da Vinci resumiu, nas fórmulas: per via di porre e per via di levare. A pintura, afirma Leonardo, trabalha per via di porre, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona per via di levare, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida. De maneira muito semelhante, senhores, a técnica da sugestão busca operar per via di porre; não se importa com a origem, a força e o sentido dos sintomas patológicos, mas antes deposita algo - uma sugestão - que ela espera ser forte o bastante para impedir a expressão da idéia patogênica. A terapia analítica, em contrapartida, não pretende acrescentar nem introduzir nada de novo, mas antes tirar, trazer algo para fora, e para esse fim preocupa-se com a gênese dos sintomas patológicos e com a trama psíquica da idéia patogênica, cuja eliminação é sua meta” (p. 250).

permitir a compreensão do trabalho de fixação necessário quando o paciente ricocheteia entre imagens que não têm ancoragem. A experiência analítica pode permitir ancorar, fixar moções pulsionais a traços-representações que surjam dessa experiência, algumas vezes designadas, outras ressignificadas, mas em qualquer caso deixando seu sulco, fazendo sentir a vida e lançando ao sujeito desejan²⁶.

Resumo

O autor percorre ideias sobre repressão primária nos textos de S. Freud em uma releitura atual que considera as contribuições posteriores sobre o Outro e o desejo do Outro. A essas vertentes acrescenta uma leitura pessoal da repressão primária (RP) como escritura erógena do corpo ou coreografia inconsciente, vinculando-a com a dor, a inibição e a fixação, e estendendo-a a todo o desenvolvimento sexual infantil. Retoma a ideia freudiana de que a RP é um objetivo de trabalho em análise através da retificação com posterioridade, o que pode ser uma contribuição importante para apresentações clínicas que costumam exceder o trabalho com a repressão propriamente dita ou secundária.

Palavras-chave: *Repressão originária ou primária, Corpo erógeno. Candidatas a palavras-chave:* *Inibição, Fixação, Angústia, Outro.*

Abstract

The author goes through ideas about primal repression in the texts of S. Freud in a current rereading, which considers the later contributions on the Other and the wish of the Other. To these aspects, he adds a personal reading of PR as an erogenous writing of the body or unconscious choreography, linking it to pain, inhibition and fixation and extending it to all infantile sexual development. He takes up the Freudian idea that PR is an objective of work in psychoanalysis through subsequent rectification, which can be a substantive contribution to clinical presentations that usually exceed the work with secondary repression.

Keywords: *Primal repression, Erogenous body. Candidate to keywords:* *Inhibition, Fixation, Anguish, Other.*

Referências

- Lacan, J. (1999). El seminario de Jacques Lacan, libro 5: Las formaciones del inconsciente. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Braunstein, N. (1990). *Goce*. México: Siglo XXI.
- Delpréstito, N., Grataudoux, E., e Schroeder, D. (2008). *El lugar del otro en la teoría y la práctica psicoanalítica*. Revista Uruguaya de Psicoanálisis, nro. 106, pp. 120-148.
- Derrida, J. (1968). *La diferencia*. Conferência dada na Sociedade Francesa de Filosofia, Paris, janeiro. Disponível em: <http://www.henciclopedia.org.uy/autores/Derrida%20Jacques/La%20diferencia.htm>.
- Derrida, J. (1989). Fuerza y significación. Em J. Derrida, *La escritura y la diferencia*. Barcelona: Anthropos.
- Deutsch, H. (1965). Some forms of emotional disturbances and their relationship to schizophrenia.

26. Nos textos “Sujeto a relato de ofício” (García Castiñeiras, 2006) e “Encrucijadas de los modos discursivos, las ocurrencias inconscientes y el transitivismo simbólico” (García Castiñeiras, 2007), podem ser encontrados relatos de experiências analíticas que falam dessas atualizações e transformações transferenciais da RP.

Em Neuroses and character types. Nova York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1934).

Dor, J. (1994). *Introducción a la lectura de Lacan 2: La estructura del sujeto*. Barcelona: Gedisa.

Foucault, M. (1998). *Vigilar y castigar: Nacimiento de la prisión*. México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1975).

Freud, S. (1992a). Análisis terminable e interminable. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1992b). Carta 75 a W. Fliess. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1897).

Freud, S. (1992c). Duelo y melancolía. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1992d). El malestar en la cultura. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

Freud, S. (1992e). Inhibición, síntoma y angustia. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, S. (1992f). La interpretación de los sueños. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1992g). La represión. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992h). Lo inconsciente. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992i). Proyecto de psicología para neurólogos. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1992j). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992k). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1992l). Sobre psicoterapia. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1904 [1905]).

Freud, S. (1992m). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

García Castiñeiras, J. (2006). *Sujeto a relato de oficio*. Disponível em: http://www.academia.edu/33643301/SUJETO_a_RELATO_de_OFICIO.

García Castiñeiras, J. (2007). *Encrucijadas de los modos discursivos, las ocurrencias inconscientes y el transitivismo simbólico*. Recuperado de: http://www.controversiasonline.org.ar/images/stories/Controversias/Ano1_N1/Espanol/2_garcia%20otro.pdf.

Lacan, J. (1986). *El seminario de Jacques Lacan, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1954-1955).

Lacan, J. (2002). *El seminario de Jacques Lacan, libro 17: El reverso del psicoanálisis*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1969-1970).

Lacan, J. (2003). *El seminario de Jacques Lacan, libro 8: La transferencia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1961 [1960]).

Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: La angustia*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

Lacan, J. (2008). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aún*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

Lacan, J. (s. f.). *El seminario de Jacques Lacan, libro 9: La identificación*. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudiana/jacqueslacanseminario9.html>.

Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: La seducción originaria*. Buenos Aires: Amorrortu.

Leclaire, S. (2000). *Fuerza pulsional y objeto de la pulsión*. Em S. Leclaire, *Escritos para el psicoanálisis* (vol. 1 y 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1972).

